



## AMÍLCAR CABRAL E PAULO FREIRE NA ERA DA TECNOLOGIA DIGITAL

*Raquel de Almeida Moraes<sup>1</sup>*

*Lino Vaz Moniz<sup>2</sup>*

### Resumo

O artigo sintetiza pesquisa sobre a possibilidade do ambiente virtual de ensino e aprendizagem ser um espaço para a prática educativa a partir das teses da *arma da teoria e dialogismo* de Amílcar Cabral e Paulo Freire, respectivamente. Partindo-se da hipótese de que a relação entre essas concepções se efetiva quando o assimilado se enraíza novamente na sua cultura e abandona a cultura do invasor, a partir de metodologia qualitativa foram analisadas as respostas dos estudantes da UnB Virtual no ano de 2004. Como conclusão destaca-se que um relacionamento de natureza afetiva, como propõe Paulo Freire, pode ocorrer num espaço de mediação virtual desde que os participantes não sejam extremamente numerosos a ponto de dificultar que todos se conheçam. Por fim, o fator fundamental, senão determinante, a partir de Amílcar Cabral, é a **atitude política**, como o interesse dos participantes em optar por esse tipo de relacionamento, o que conseqüentemente, leva ao diálogo amoroso que pode romper com as amarras da dominação.

**Palavras-chaves:** Amílcar Cabral e Paulo Freire; dialogismo; tecnologias de informação e comunicação; ambiente virtual de ensino e aprendizagem.

### AMÍLCAR CABRAL AND PAULO FREIRE IN THE ERA OF DIGITAL TECHNOLOGY

#### Abstract

The article synthesizes research about the possibility of the virtual environment for teaching and learning to be a space for educational practice from the theses gun theory and dialogism of Amílcar Cabral and Paulo Freire, respectively. Starting from the hypothesis that the relationship between these concepts is effective when the assimilated is rooted again in their culture and abandon the culture of the invader, from qualitative methodology were analyzed the responses of students of Virtual UNB in 2004. As conclusion it is highlighted that a relationship of affective nature, as proposed by Paulo Freire, can occur in a space with a virtual mediation, since the participants are not extremely numerous as to make it difficult for everyone to know. Finally, the fundamental factor, if not determining, from Amílcar Cabral, is a political attitude, as the participants' interest in opting for this kind of relationship, which consequently leads to loving dialogue that can break the bonds of domination.

---

<sup>1</sup> Raquel de Almeida Moraes. Doutora em Educação e professora associada da UnB. Líder do grupo Lattes HISTEDBR-DF HISTEDBR. Email: [rachel@unb.br](mailto:rachel@unb.br).

<sup>2</sup> Lino Vaz Moniz. Cientista Político e Mestre em Educação pela UnB. Tem empresa incubada no Centro de Desenvolvimento Tecnológico da Universidade de Brasília CDT/UnB. Professor de Tecnologias Educacionais na Faculdade FACEB. Pesquisador do grupo Lattes HISTEDBR-DF HISTEDBR E-mail: [lino\\_vaz\\_moniz@hotmail.com](mailto:lino_vaz_moniz@hotmail.com)

**Keywords:** Amílcar Cabral and Paulo Freire, dialogism, information technology and communication, virtual space for teaching and learning.

## AMÍLCAR CABRAL ET PAULO FREIRE DANS L'ÈRE DE LA TECHNOLOGIE DIGITAL

### Résumé

L'article résume recherche sur la possibilité de l'ambient virtuel d'enseigne et apprentissage être un espace pour la pratique éducative à partir de les thèses de l'arme da théorie et dialogisme de Amílcar Cabral et Paulo Freire, respectivement. Repose sur l'hypothèse que la relation entre ces conceptions s'effectue quand le assimilé s'enraciné nouvellement dans leur culture et abandonne la culture de l'envahisseur, à partir de la méthodologie qualitative on a analysé les réponses des élèves de UNB Virtual en 2004. En conclusion se détache qu'une relation de nature affective, telle que proposée par Paulo Freire, peut se produire dans un espace de médiation virtuelle à condition que les participants ne sont pas très nombreux au point d'entraver que tout le monde se connaissent. Enfin, le facteur fondamentale, sinon déterminent, à partir Amilcar Cabral, est une attitude politique, comme l'intérêt des participants à opter pour ce type de relation, qui par conséquent, conduit à un dialogue amoureux qui peut briser les liens de domination.

**Mots-clés:** Amilcar Cabral et Paulo Freire, dialogisme, technologies de l'information et de la communication; ambient virtuel d'enseigne et apprentissage.

## AMÍLCAR CABRAL Y PAULO FREIRE EN LA ERA DE LA TECNOLOGÍA DIGITAL

### Resumen

El artículo hace un resumen de la pesquisa sobre la posibilidad del ambiente virtual de la enseñanza y aprendizaje ser un espacio para la práctica educativa a partir de las tesis de la arma de la teoría y dialogismo de Amílcar Cabral y Paulo Freire, respectivamente. Se parte de la hipótesis de que la relación entre estas concepciones se efectiva cuando el asimilado se enraiza otra vez en su cultura y abandona la cultura del invasor, a partir de la metodología cualitativa fueron analizadas las respuestas de estudiantes da unB Virtual en el año de 2004. Como conclusión se destaca que un relacionamiento de naturaleza afectiva, como propone Paulo Freire, puede ocurrir en el espacio de mediación virtual desde que los participantes no sean numerosos a punto de dificultar que todos se conozcan. Por fin, el factor fundamental, sino determinante, a partir de Amílcar Cabral, es la actitud política, como el interés de los participantes en optar por esta manera de relacionamiento, lo que consecuentemente, lleva el diálogo amoroso que puede romper con los enlaces de la dominación.

**Palabras-clave:** Amílcar Cabral y Paulo Freire; Dialogismo; Tecnologías de información y comunicación; ambiente virtual de enseñanza y aprendizaje.



O artigo sintetiza pesquisa de mestrado sobre a possibilidade do ambiente virtual de ensino e aprendizagem ser um espaço para a prática educativa inspirado nas teses da *arma da teoria e dialogismo* de Amílcar Cabral e Paulo Freire, respectivamente.

O texto está estruturado em três partes. A primeira, versa sobre as concepções pedagógicas de Amílcar Cabral e Paulo Freire, fazendo-se uma leitura da *arma da teoria* de Amílcar Cabral e do *dialogismo* Freiriano. A segunda parte trata da tecnologia digital, abordando a relação entre a potencialidade interativa da tecnologia digital e o *dialogismo* na visão de Paulo Freire. Por último, é apresentado um estudo de caso da Plataforma de Ensino-Aprendizagem *On Line* da UnB Virtual tendo como critérios de análise a *interatividade* (a partir das teses de Marco Silva e Alex Primo) e o *dialogismo*, à luz das concepções de Freire e Cabral.

### ARMA DA TEORIA E PEDAGOGIA DA LIBERTAÇÃO

[...] se é verdade que uma revolução pode falhar, mesmo que seja nutrida por teorias perfeitamente concebidas, ainda ninguém praticou vitoriosamente uma Revolução sem teoria revolucionária. (CABRAL, 1978, p. 202).

Amílcar Cabral foi um dos principais responsáveis pela libertação de Cabo Verde do domínio colonial de Portugal. Elaborou uma teoria explicativa para o fenômeno do colonialismo e do neocolonialismo tomando como eixo de análise a engrenagem cultural. Sua tese é que um governo invasor nunca se sustenta sem a repressão da manifestação cultural. Tal repressão consiste em alienar uma parcela da população, tornando-a assimilada. O assimilado é aquela parte que abandona os seus valores culturais de origem e passa a cultivar os valores do invasor. É nesta camada que o invasor encontra uma parceria que dá sustentação à exploração. O mecanismo central da exploração imperialista consiste na estagnação das forças produtivas, que ao ficar sufocada com a presença do invasor, neutraliza todo e qualquer conflito de classe que gera a dinâmica e o progresso. Em contraposição ao imperialismo, a estratégia central de luta deve recair sobre a engrenagem cultural, mediante a criação de uma blindagem via ação pedagógica para que a população se torne impermeável à invasão. Uma das ações consiste no retorno dos assimilados<sup>3</sup> às fontes, cultivando os seus valores culturais

---

<sup>3</sup> Termo utilizado por Cabral ao se referir aos povos sob o domínio do invasor.

de origem. Assim, o invasor não tem mais espaço de atuação, liberando as forças produtivas que ficarão livres para agirem e gerarem o progresso.

Foi com esse olhar que Amílcar Cabral criou um partido político<sup>4</sup> e o definiu como fato e fator cultural. Um instrumento pedagógico a serviço da revolução. Amílcar Cabral morreu. A independência nacional foi conquistada apenas na esfera política com a substituição do governo estrangeiro pelo nacional. A sua agenda de luta, contudo, ainda não foi cumprida. Cabe a nova geração seguir essa agenda para lutar contra o neocolonialismo. O principal campo de atuação dessa agenda é a esfera pedagógica. É nesse campo que Paulo Freire dialoga com Amílcar Cabral através da pedagogia da libertação. Uma verdadeira estratégia de luta que atua sobre a engrenagem cultural. A geração Amílcar Cabral precisa conhecer os ensinamentos de Paulo Freire, já que ele faz uma profunda reflexão pedagógica. Isso permite uma melhor compreensão da arma da teoria de modo a melhor seguir a agenda de luta do grande herói.

Movido pelo mesmo ideal que Amílcar Cabral, a conquista da liberdade dos que sofrem opressão, Paulo Freire procurou entender como funciona a engrenagem da dominação. Nesse sentido, sua explicação enfatizou a prática educativa e mais especificamente, o processo de comunicação, onde o educador tem um papel de emissor e o educando de receptor, no campo da dominação. Uma comunicação vertical em que o ato de ensinar se torna uma operação bancária onde o educador deposita o conhecimento no educando através dos discursos e narrações. Através disso, o significado do mundo é dado. O educando não tem espaço para pronunciar a sua própria palavra e muito menos fazer a leitura do mundo. Para garantir a eficiência do processo, a submissão do educando à autoridade do educador é fundamental. Assim, não há espaço para o diálogo e muito menos para compromisso e confiança. O resultado final é uma aprendizagem cujo significado reflete o interesse do opressor que fica depositado na mente do oprimido. E ao se alojar na consciência do oprimido, o opressor *legítima* todo o esquema de dominação.

Ao dar explicação sobre a dominação, Paulo Freire e Amílcar Cabral focaram o mesmo ponto: a alienação do oprimido ao alojar na sua mente a ideologia do opressor. Paulo Freire detalhou ao explicar como isso acontece no campo educacional. Isso nos auxilia melhor na compreensão da estrutura do poder colonial em produzir assimilados através do aparato educativo que pode ser classificado como pedagogia da escravidão. As escolas dos países colonizados não tratavam da realidade local, mas sim da metrópole. Todo o conteúdo era

---

<sup>4</sup> PAIGC Partido Africano de Independência de Guiné e Cabo Verde.



voltado para a valorização da cultura da metrópole fomentando assim, um complexo de inferioridade das culturas locais. Esta prática pedagógica se sustenta nos princípios ideológicos da colonização como um processo de caridade, uma missão de civilização de povos inferiores. A repressão cultural referida por Amílcar Cabral é o resultado de uma educação bancária cujo objetivo é escravizar os homens.

Já a prática educativa em que o educador dialoga com o educando, construindo o conhecimento a partir da fala e realidade do educando é, para Freire, um ato de comunicação e não de extensão, base de uma educação dialógica e libertadora, uma alternativa para quebrar a engrenagem da opressão. Esse diálogo deve se fundamentar nos princípios de amor, fé e compromisso. Não se efetiva apenas na relação *eu-tu* mas sim, na esfera do *nós*, no encontro entre os homens mediatizados pelo mundo. *"O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto na relação eu-tu"* (FREIRE: 1970, p. 78).

A proposta pedagógica de Paulo Freire vai ao encontro da agenda de luta de Amílcar Cabral para conquistar a independência, pois possibilita o retorno dos assimilados à fonte. Esse retorno se efetiva quando o assimilado se enraíza novamente na sua cultura e abandona a cultura do invasor. Isso constitui o propósito da educação dialógica que procura valorizar a identidade cultural do educando, tornando-o um sujeito político.

Nessa convergência, a esperança é o elemento que une esses dois intelectuais orgânicos. Amílcar Cabral estava ciente que a independência é uma luta constante. Assim, depositou a esperança na nova geração para dar continuidade. Essa esperança, para Paulo Freire, é a chave central da mudança. Não basta o educando ter a consciência e conhecer os mecanismos de libertação. Deve ter e esperança para lutar constantemente e superar situações limites.

A esperança de Amílcar Cabral foi alimentada por Paulo Freire na sua viagem ao continente Africano. Ele esteve em Guiné Bissau e Cabo Verde, pátrias amadas de Amílcar Cabral. Também esteve em outros países africanos. Foi compartilhar com a nova geração a nova estratégia pedagógica como arma de luta, seguindo a agenda definida por Amílcar Cabral.

Tanto Paulo Freire quanto Amílcar Cabral já nos deixaram. Entretanto ainda há homens e mulheres que padecem a fome da liberdade e sede da justiça no contexto neocolonial de dominação. Cabe a geração Amílcar Cabral seguir a agenda de luta do seu herói e retomar a missão pedagógica de Paulo Freire na África. Essa missão deve ser refletida

no novo contexto da era digital em que a tecnologia de informação se tornou um instrumento vital de dominação.

## TECNOLOGIA DIGITAL

Amílcar Cabral e Paulo Freire lutaram no cenário da guerra fria. Um momento histórico em que as potências com ambição imperial travaram uma guerra silenciosa sob a ameaça de armas atômicas com o objetivo de colocar o resto do mundo em pânico, criando assim um cenário favorável para alargar suas influências. Esse conflito se centralizou no progresso tecnológico. Cada potência exibia ao mundo o seu avanço tecnológico. O mundo ficou fascinado com a ida do homem à lua e com temor do poder de explosão da bomba atômica. Tecnologias exclusivas de EUA e URSS que se tornaram os donos do planeta.

No continente africano, Amílcar Cabral tentou escapar dessa influência adotando a *arma da teoria* como agenda de luta. Estratégia similar foi adotada por Paulo Freire na América Latina com a pedagogia da libertação.

Escapar dessa influência se torna cada vez mais difícil com a conquista do progresso tecnológico das potências. Como mostra Castells (2002), a internet é uma poderosa rede de comunicação reflete o auge dessa conquista. O poder de comunicação dessa tecnologia revolucionou o mundo. A humanidade conheceu uma nova era, a era digital. Com o fim da guerra fria, essa tecnologia começou a ganhar uma dimensão expressiva. Trouxe grande impacto no processo de organização social. Passou a ser um dos instrumentos vitais para a manipulação dos valores culturais, movendo com maior dinâmica a engrenagem vital da dominação.

O fim da guerra fria foi marcado por uma nova etapa do imperialismo, a consolidação do neocolonialismo. O fim do colonialismo não significou ausência dos interesses estrangeiros. Ao contrário, esses interesses passaram a penetrar através de instituições internacionais como Comunidade Britânica, Aliança Francesa e CPLP que têm por objetivo conservar a cultura das potências nas ex-colônias. Isso constitui uma eficiente estratégia de repressão da cultura local, mantendo viva a produção de assimilados. Essa tática vem se efetivando através da propaganda do “mundo globalizado e sem fronteira”, cuja retórica desafia as culturas nacionais e as condenam ao desaparecimento, oferecendo como “alternativa” fundir-se numa outra, a cultura global. Como resultado temos um quadro de dominação que é invisível ao olho nu, neutralizando assim, a possibilidade da mobilização e

resistência. Nesse contexto, a internet se tornou o principal canal de propaganda por ser uma rede mundial formada por vários nós sem ter um centro de controle.

Em minha opinião, a sociedade informática escreverá uma nova página da história da humanidade, pois dará um grande passo no sentido de materialização do velho ideal dos grandes humanistas, a saber, o do homem universal, e universal em dois sentidos: no da sua formação global, que lhe permitirá fugir do estreito caminho da especialização unilateral, que é hoje a norma, no de se libertar do enclausuramento numa cultura nacional, para converter-se em cidadão do mundo no melhor sentido do termo (SCHAFF, 1995, p. 71).

Nas palavras de Adam Schaff, percebemos que a tecnologia digital é um canal de mediação ambíguo e contraditório, podendo tanto ser usado para se realizar os velhos ideais dos grandes humanistas como para se assimilar a cultura ocidental, refletindo assim, a reciclagem da repressão cultural na era digital no quadro do neocolonialismo ou da dominação.

O grito da independência sonhado por Amílcar Cabral e Paulo Freire fica cada vez mais distante de ser alcançado dado a reciclagem das estratégias de dominação imperial. Sendo assim, cabe a nova geração que segue o legado histórico dos seus heróis repensar as estratégias de luta no novo cenário. Essa geração deve começar a refletir a partir das reflexões de Raquel Moraes (2002) que argumenta acerca da não neutralidade da tecnologia. “Como a maioria das tecnologias, estas podem ser usadas como instrumentos de domínio ou de emancipação, podem fortalecer os trabalhadores ou podem ser usadas pelo capital como poderosos instrumentos de dominação (ibid., p. 91).

A reflexão neste caso deve recair sobre a esfera da libertação. E como usar a tecnologia digital ao serviço do horizonte sonhado por Amílcar Cabral, ou seja, como articulá-la com a dimensão pedagógica de luta, seguindo à agenda da arma da teoria?

A proposta dessa articulação é apresentada por Venício Lima (2001) que, ao debater sobre a atualidade do conceito de comunicação em Paulo Freire, faz uma ligação entre tecnologia digital e concepção pedagógica freireana.

No momento em que as potencialidades das tecnologias interativas acenam para a quebra da unidirecionalidade e da centralização das comunicações, o conceito de comunicação dialógica, relacional e transformadora de Freire oferece uma referência normativa revitalizada, criativa e desafiadora para todos aqueles que acreditam na prevalência de um modelo social comunicativo humano e libertador. (ibid., p. 69).

O fundamento deste modelo teórico é o encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados, substituindo decisivamente a mera transferência ou extensão de saberes. Para começar a detalhar esse “*modelo social comunicativo humano e libertador*”

nos valem dos conceitos de interatividade de Marco Silva (2001) e de Alex Fernando Teixeira Primo (1998).

## INTERATIVIDADE

Marco Silva (2001) desenvolve uma reflexão sobre a comunicação através do conceito de interatividade. Ele aponta três características de uma comunicação interativa: participação e intervenção, bidirecionalidade-hibridação e permutabilidade-potencialidade. A primeira é a participação e intervenção na mensagem. Num processo de comunicação, nenhum dos pólos deve restringir suas ações em apenas dizer sim ou não, ou então escolher entre um conjunto de opções dados. Isso não caracteriza nenhuma participação e muito menos, uma intervenção, o que se efetiva ao desempenhar um papel ativo para modificar o conteúdo e o processo de comunicação. A intervenção não deve se restringir a apenas um dos pólos. Tem que ser bidirecional. Isso garante que a mensagem construída no processo seja o resultado da coautoria de todos os pólos. A permutabilidade-potencialidade se refere à liberdade de manipulação de cada pólo no sentido mudar e recriar, fazendo combinação de várias possibilidades numa dinâmica aleatória e não sequencial.

A comunicação interativa, no entender de Marco Silva, não é sinônimo da tecnologia digital. É uma postura do comunicador. Entretanto, ele reconhece que a internet trouxe maior possibilidade da comunicação interativa, principalmente no que diz respeito à permutabilidade-potencialidade.

O conceito de Marco Silva sobre interatividade não trata do canal de comunicação do modelo de Shannon<sup>5</sup>, mas sim dos sujeitos humanos que usam os meios. A interação enquanto intervenção, bidirecionalidade e permutabilidade são atributos dos sujeitos humanos, ou melhor, dos usuários que usam a tecnologia digital para se comunicarem.

Podemos levantar dois tipos de relação nesse processo de comunicação. Numa primeira ótica temos uma relação entre o sujeito humano ↔ máquina, ou seja, o usuário e o computador. Numa segunda ótica, temos sujeito humano ↔ sujeito humano, tendo a máquina como intermediário. No caso, os usuários que usam o computador para trocarem

---

<sup>5</sup> Shannon propõe um modelo de comunicação que consiste em reproduzir em um ponto de maneira exata a mensagem dada em outro ponto. Esse modelo pressupõe uma linha de entrada e uma linha de saída. O emissor codificador emite a mensagem que é recuperada sem falhas e distorções pelo receptor decodificador (MATTELART, 2000, p. 57-61).

mensagem. Para diferenciar a natureza da interação nas duas óticas de relação, vamos usar o conceito de interatividade de Alex Fernando.

Alex Fernando, ao desenvolver estudo sobre os processos de comunicação mediados pelo computador, definiu dois tipos de interação: reativa e mútua. A interação reativa se caracteriza pela linearidade e ocorre em ambientes fechados. Todas as possibilidades são previamente definidas. Nenhuma situação pode ocorrer se não for prevista. Não há possibilidade para efetuar a criatividade ou simular novas situações. Esse tipo de interação é da natureza ação/reação ou estímulo/resposta do modelo behaviorista.

Tal interação ocorre principalmente na relação sujeito humano ↔ máquina ou também na relação máquina ↔ máquina. Na primeira relação, o usuário do computador interage como se estivesse em um ambiente fechado. Ele emite o comando e o computador emite a resposta. Se for emitido algum comando não previsto na lógica do programa, escrita em código binário, não haverá reação, ou seja, a resposta. A liberdade comunicativa do usuário é condicionada pelas possibilidades previstas no programa do computador. O mesmo se aplica na segunda ótica da relação.

A interação mútua já é ao contrário, pressupondo um ambiente aberto em que novas situações podem ser criadas, mesmo que não sejam previstas. Nada é pré-determinado. Tudo é criado em função da dinâmica do ambiente. Esse tipo de interatividade contempla os três vetores da comunicação interativa definida por Marco Silva: intervenção, bidirecionalidade, permutabilidade. Esse tipo de interação ocorre principalmente na ótica da relação sujeito humano ↔ sujeito humano mediado ou não pelo computador. A liberdade de criar, de modificar, de intervir e de gerar situações de imprevisibilidade são atributos dos sujeitos humanos enquanto comunicadores. Daí entendermos porque que Marco Silva concebe a interatividade como postura do comunicador.

Não há possibilidade da interação mútua ocorrer na ótica da relação sujeito humano ↔ máquina ou máquina ↔ máquina. Isso porque a máquina só funciona dentro da engrenagem ação/reação, situações previamente definidas. Entretanto, há possibilidade do contrário, ou seja, a interação reativa pode ocorrer numa relação sujeito humano ↔ sujeito humano mediado ou não por máquina. Isso já depende da postura dos comunicadores, como coloca Marco Silva.

## **MEDIAÇÃO PEDAGÓGICA VIA TECNOLOGIA DIGITAL**

A interação mútua é uma relação de diálogo na medida em que cada sujeito que compõe o pólo de comunicação tem a possibilidade de intervir, criar e modificar. O dialogismo de Paulo Freire ocorre numa interação mútua deste que a postura dos comunicadores seja de compromisso, fé e amor. Uma relação de igualdade para cada pólo, onde o sujeito possa pronunciar e recriar o seu mundo pelas suas próprias palavras.

Esse tipo de diálogo pode ser possível numa comunicação mediada pela tecnologia digital uma vez que esta potencializa uma relação interativa mútua entre os sujeitos comunicadores. Como o diálogo resulta do encontro entre os homens para pronunciarem suas próprias palavras e transformarem o mundo, esse encontro pode ser mediatizado pela tecnologia digital que possibilita uma comunicação interativa mútua entre os interlocutores.

Como já vimos, a interação mútua depende da postura dos sujeitos comunicativos. Do mesmo modo, o diálogo em Paulo Freire depende do estado de espírito dos interlocutores. Se o interesse é dominar, não há diálogo, mas sim extensão. Se o interesse é compartilhar e aprender, há diálogo pautado pelo amor e compromisso.

O uso da tecnologia digital, enquanto meio de comunicação interativa, não necessariamente possibilita o dialogismo freiriano. A relação de compromisso e amor entre os interlocutores mediados ou não pela tecnologia digital possibilita o ato político de transformar o mundo. Então a tecnologia digital possibilita a mediação do dialogismo freiriano desde que os interlocutores tenham uma relação de confiança e amor.

Isso nos faz ter como pressuposto que o foco central não está na tecnologia, mas sim na postura e espírito dos interlocutores. A tecnologia, ao possibilitar tanto uma interação reativa quanto mútua, acaba servindo como extensão ou comunicação para mediar uma prática educativa bancária ou libertadora, dependendo do interesse em questão, o se que define pela postura dos interlocutores. Daí entendermos a não neutralidade e a dupla face da tecnologia, como coloca Raquel Moraes.

Como *extensão*, a tecnologia mediatiza uma interação reativa cuja relação entre os interlocutores é vertical e autoritária. Isso significa que educador bancário pode reproduzir seu método nesse espaço de mediação. Neste caso a potencialidade da tecnologia de estabelecer uma comunicação descentralizada e bidirecional não é aproveitada. O educador será o pólo emissor e os educandos pólos receptores. Deste modo, a tecnologia serve como uma engrenagem de invasão e manipulação cultural. É neste sentido que a internet vem sendo usada principalmente pelas potências imperiais para invadir as outras culturas e produzir o "cidadão globalizado".

Como *comunicação*, a tecnologia mediatiza uma interação mútua cuja relação entre os interlocutores é de igualdade, fé e compromisso. Deste modo, o educador dialógico encontra espaço via tecnologia para veicular uma prática educativa libertadora. Neste sentido, a potencialidade tecnológica para uma comunicação bidirecional e descentralizada é aproveitada ao máximo. Cada interlocutor desempenha um duplo papel de emissor e receptor. A descentralização possibilita a natureza social do diálogo na medida em que não se esgota na relação do *eu* e *tu*, mas sim do *nós*. Nessa perspectiva, a tecnologia não será usada como uma engrenagem de invasão cultural mas sim, como um instrumento emancipador voltado para a libertação, com o qual os homens se tornarão sujeitos da sua própria história, assumindo a ato político de transformar a sua realidade.

Tendo em conta que a tecnologia digital pode servir tanto para oprimir como para libertar, cabe aqui desenvolver uma reflexão sobre a maximização do seu uso dentro da lógica de libertação. A geração Amílcar Cabral precisa dessa reflexão para atualizar a luta agendada pela arma da teoria no quadro de neocolonialismo. A tecnologia precisa ser adaptada dentro de um trabalho pedagógico para seguir a agenda de luta que visa blindar a cultura nacional dos interesses externos. Em seguida será analisado um estudo de caso que utiliza a tecnologia digital no espaço pedagógico a partir desses referenciais.

### **ENSINO-APRENDIZAGEM ON-LINE NA UNB**

A Plataforma de ensino e aprendizagem utilizada na época desta pesquisa (2003-2005) era a UnB-Virtual., entendida como um conjunto de componentes que visa criar um espaço virtual de comunicação entre os sujeitos da prática educativa. Cada componente se caracteriza como um programa (*software*) cuja finalidade é definida em função de um determinado objetivo. Deste modo, a Plataforma é um ambiente integrado de componentes que tem por objetivo intermediar o processo de ensino e aprendizagem no plano virtual. Como todos os componentes são desenvolvidos seguindo o padrão técnico da internet, a Plataforma potencializa uma comunicação bidirecional e descentralizada criando, assim, um ambiente virtual para o encontro dos sujeitos na prática educativa.

O usuário, para ter acesso à Plataforma da UnB-Virtual, precisava entrar no espaço virtual do CEAD: [www.unb.cead.br](http://www.unb.cead.br). Nesse espaço havia um local de identificação através de senha. Isso funcionava como passaporte de acesso ao ambiente. Apenas os usuários credenciados têm acesso a esse ambiente de aprendizagem.

Ao se identificar pela senha correta, entrava-se no ambiente. A interface era totalmente personalizada. Essa personalização devia-se a uma base de dados que continha os registros de cada usuário sobre as disciplinas e turmas nos quais estava matriculado. Ao visualizar o ambiente, todos os componentes ficavam visíveis através dos ícones expostos numa barra de navegação.



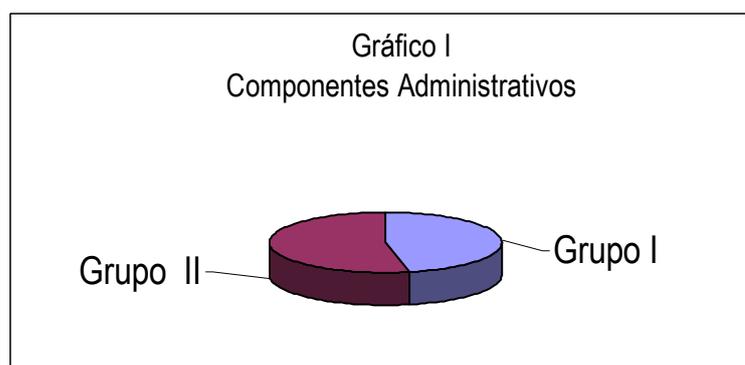
Para efeito de análise, os componentes da Plataforma foram classificados em dois tipos: administrativos e comunicativos.

## COMPONENTES ADMINISTRATIVOS

Os componentes administrativos são aqueles que potencializam apenas uma interação reativa, ou seja, os dois pólos de comunicação não têm plena liberdade de intervir, criar e modificar, como analisado por Primo. Essa possibilidade se concentra em apenas um dos pólos comunicativos. Tais componentes são: Página do curso Página - um espaço que serve para disponibilizar o conteúdo da disciplina, cronograma das atividades e textos; Agenda - para apresentar cronograma de atividades; Aviso - para exibir anúncios sobre o curso; Avaliação - é uma planilha para gerenciar notas; Participantes do Curso - exibe lista de participantes no curso; Perfil - contém dados pessoais dos participantes; Modo Administrativo - gerenciamento do curso.

Esses componentes dispõem de uma interface que possibilita apenas ao professor e tutor manipularem os dados. Eles podem criar/modificar/apagar o conteúdo. Já a interface dos alunos, apenas os possibilitam a leitura. No questionário da avaliação da plataforma foi

aplicada uma questão sobre a possibilidade do aluno interferir no processo administrativo do curso através das interfaces dos componentes administrativos. As repostas catalogadas podem ser distribuídas em dois grupos. O Grupo I considera que essa possibilidade é viabilizada apenas para a interface dos professores/tutores. Já o Grupo II considera que há possibilidade do aluno interferir uma vez o professor/tutor acatam suas sugestões e as veiculam usando suas interfaces, já que as dos alunos não permitem. O Gráfico I apresenta a frequências das repostas dos dois grupos.



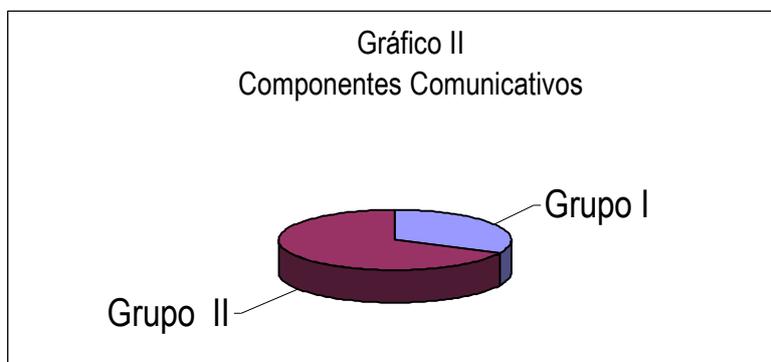
As interfaces dos componentes administrativos possibilitam uma interação reativa e uma comunicação unidirecional. Tais características não são compatíveis com uma comunicação dialógica que requer uma participação efetiva de todos os pólos comunicativos. Apesar disso, uma maioria dos entrevistados (o Grupo II) entende que há participação efetiva dos alunos não exatamente através da interface mas sim através da postura do professor/tutor que acolhe suas sugestões tais como: colocar um conteúdo na Página ou uma informação no Aviso. Esse resultado vai ao encontro da definição que Marco Silva atribui interatividade como postura dos interlocutores. Isso nos faz concluir que o dialogismo não necessariamente requer interfaces tecnológicas com interação mútua, mas sim *comunicadores com disposição de dialogar*.

## COMPONENTES COMUNICATIVOS

Os componentes comunicativos são aqueles que potencializam uma interação mútua. Isso significa que todos os pólos envolvidos no processo comunicativos podem interferir, criar e modificar. Cada pólo pode exercer a dupla função de emissor e receptor. Tais componentes são: Sala de Bate Papo – espaço de conversa entre os usuários da mesma turma;

Lista de Discussão - endereço virtual para troca de mensagem entre os participantes; Fórum - um espaço de debate centralizado na plataforma; Colaborativo – espaço de troca de arquivos entre todos os participantes da turma; Trabalho – troca de arquivo entre professor/ tutor e aluno; Links – espaço para troca de links.

Essas interfaces, de modo geral, possibilitam tanto ao professor/tutor quanto aos alunos manipulem os dados. A possibilidade de intervir no processo de comunicação passa a ser bidirecional, ou seja, de ambos os pólos comunicativos. No questionário da avaliação da plataforma foi aplicada uma questão sobre a possibilidade do aluno interferir através das interfaces dos componentes comunicativos. As repostas catalogadas podem ser agrupadas em dois grupos. O Grupo I dos entrevistados considera que tais componentes possibilitam a interferência do aluno, entretanto tal possibilidade não foi explorada. Já o Grupo II considera que não só há possibilidade do aluno interferir como também tal possibilidade foi explorada. O Gráfico II apresenta a frequências das respostas dos dois grupos.



As interfaces do componente comunicativo possibilitam uma interação mútua. Uma comunicação bidirecional, o que caracteriza a potencialidade da tecnologia digital. Tal potencialidade, na leitura de Venício de Lima, contempla o dialogismo de Paulo Freire. Mesmo assim, os entrevistados que compõe o Grupo I consideram que essa potencialidade não foi aproveitada na prática de ensino. Isso reforça mais uma vez a tese de que o ensino dialógico não requer a tecnologia interativa, mas sim, *atitude dialógica dos interlocutores*. Neste caso a não neutralidade e a dupla face da tecnologia, tanto para um ensino bancário como para o dialógico fica evidente, como alerta Raquel Moraes.

## O DIALOGISMO NO ENSINO-APRENDIZAGEM ON-LINE

Um dos pressupostos para que haja ensino dialógico no olhar de Paulo Freire é a relação de amor, amizade, fé e compromisso entre educadores e educandos. No formulário de avaliação foi aplicada uma questão sobre esse tipo de relacionamento. A maioria das respostas obtidas sustenta que houve um relacionamento afetivo, entretanto não ao nível de se considerar amigável ou amistoso. De modo geral, o relacionamento foi considerado como bom, ótimo e legal, mas não amigável ou amoroso.

Nos dados coletados através do acompanhamento das disciplinas como observador participante mediado pelo ambiente virtual, observou-se que a relação entre professor/tutor/aluno aproximou-se da dimensão afetiva, ou seja, envolveu uma certa intimidade e carinho nas turmas que tinham poucos alunos. Isso ocorreu principalmente nas disciplinas de mestrado em que o número de aluno na sala de aula é menor do que o da graduação. Geralmente não ultrapassam 15 alunos.

Percebeu-se, também, esse tipo de relacionamento afetivo nos debates no Fórum. As conversas não se restringiam ao tema do debate. Entrava-se, às vezes, em questões pessoais. Por exemplo, um aluno usava o espaço do fórum para relatar um problema de dimensão pessoal que lhe impossibilitava comparecer nas aulas. Já nas turmas que tinham acima de 30 alunos e que foi acompanhado na condição de monitor, percebeu-se que o clima de debate no Fórum se restringiu mais ao conteúdo do tema. E por serem muitos alunos, a possibilidade de todos se conhecerem é bem menor, assim, os debates acabaram sendo menos afetivos.

Nas turmas de mestrado em que a maioria dos alunos foi colega no semestre anterior, o clima de diálogo era mais afetivo. Isso se deve a uma maior convivência entre os alunos e professores ao longo do tempo. Aí a relação era mais do que boa ou ótima, isto é, aproximava-se muito do amistoso e amoroso.

Em função disso, percebe-se que a análise dos dados levantados na Plataforma não apontou para uma relação afetiva porque os usuários que responderam os questionários cursaram disciplinas cuja duração é de apenas um semestre. Por outro lado, nessas disciplinas havia em média 37 alunos por turma. Um número muito elevado, o que não facilita a construção de relações afetivas no período de um semestre.

Em suma, podemos concluir que um relacionamento de natureza afetiva, como propõe Paulo Freire, pode ocorrer num espaço de mediação virtual desde que os participantes não sejam extremamente numerosos a ponto de dificultar que todos se conheçam. Além disso, esse encontro pedagógico deve ter um período de tempo necessário para que a convivência

seja construída em nível afetivo. Contudo, com isso não se pode cair no determinismo de julgar que os fatores quantidade de participantes e tempo de convivência sejam suficientes para que exista uma relação amorosa. O fator fundamental, senão determinante, na ótica de Amílcar Cabral, é a atitude política, o que nos casos observados, foi de abertura e não de repressão.

A análise do dialogismo na UnB-Virtual nos leva concluir que a tecnologia digital pode servir de suporte para uma prática educativa concebida dentro de uma perspectiva de uma educação libertadora. O estudo dessa possibilidade serve de referência para a geração que segue o legado de Amílcar Cabral que precisa inovar sua agenda de luta, usando *a arma da teoria* de forma articulada com a era tecnologia digital tendo como base pedagógica o dialogismo de Paulo Freire.

## CONCLUSÃO

Amílcar Cabral sonhou com a liberdade total dos homens e mulheres que sofrem com a opressão colonial. Um sonho tão profundo que fez com que procurasse embasamento científico para sua luta. Um luta constante que sobreviva a toda e qualquer possibilidade de reciclagem dos opressores. Nesta caminhada ele se tornou um herói nacional e ainda ganhou novos aliados. Paulo Freire se destaca como um desses aliados que não só incorporou a causa de luta como também foi ao terreno dar sua contribuição.

Tanto Amílcar Cabral quanto Paulo Freire já morreram. Entretanto, eles continuam vivos entre nós através da filosofia de luta que se sustenta na esperança. Uma esperança que procura desconstruir a reciclagem do esquema da dominação que agora tem como braço de sustentação a tecnologia digital.

Essa nova geração precisa combater a dominação invisível do quadro neocolonial. Nesta caminhada a arma da teoria de Amílcar Cabral, fundamentada na pedagogia de libertação de Paulo Freire, deve ser articulada com a tecnologia digital para incidir ações pedagógicas no sentido de criar uma blindagem cultural impermeável à invasão estrangeira.

Por fim, o estudo de caso do uso da Plataforma da UnB Virtual na Universidade de Brasília evidencia que a tecnologia digital é um espaço de luta para a libertação enquanto instrumento pedagógico. Esse esforço de atualização deve ser constante para fechar o cerco às potências imperiais neocolonizadoras.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CABRAL, Amílcar. *Arma da Teoria. Unidade e Luta I*. Saara Nova. 1978.
- \_\_\_\_\_. *A prática Revolucionária. Unidade e Luta II*. Saara Nova. 1977.
- CASTELLS, Manuel. *Sociedade em Rede*. São Paulo: Terra, 2002.
- FREIRE, Paulo. *Extensão ou Comunicação*. RJ: Paz e Terra, 1983 7ª ed.
- \_\_\_\_\_. *Amílcar Cabral: O Pedagogo da Revolução*. Palestra proferida por Paulo Freire em 1985 na Universidade de Brasília.
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia da Esperança. Um reencontro com a Pedagogia do oprimido*. RJ: Paz e Terra, 2001 8ª ed.
- \_\_\_\_\_. *Pedagogia da Autonomia*. RJ: Paz e Terra, 2002 8ª ed.
- FREIRE, Paulo & SHOR, Ira. *Medo e Ousadia*. RJ: Paz e Terra, 1993 5ª ed.
- FREIRE, Ana Maria Araújo. A Voz da Esposa: A Trajetória de Paulo Freire. In GADDOTTI, Moacir (org). *Paulo Freire. Uma Biografia*. São Paulo, Cortez: 1996.
- LIMA, Venício A. *Mídia: Teoria e Política*. SP, Fundação Prsueu Abramo, 2001.
- MATTELART, Armand. *História da Sociedade da Informação*. São Paulo: Loyola, 2001.
- \_\_\_\_\_. *História das Teorias de da Comunicação*. São Paulo: Loyola, 2000.
- MORAES, Raquel de A Mídia e Educação. In PEDROSO, L. & BERTONI, L. *Indústria Cultural e Educação (reflexões críticas)*. São Paulo: J.M. Editora, 2002 p 91-102.
- PRIMO, Alex Fernando Teixeira. Interfaces Potencial e Virtual. RS-Porto Alegre, *Revista da Famecos*, n° 10 p. 94-103, junho de 1999.
- \_\_\_\_\_. Sistemas de Interação. RJ, XXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), 7 de Setembro de 1999.
- \_\_\_\_\_. Interação Mútua e Interação Reativa: uma propostas de estudo. PRIMO, Alex Fernando Teixeira e CASSOL, Márcio B. Fortes. Explorando o conceito de interatividade: definições e taxonomias. <<http://usr.psico.urfgs.br/~aprimo>>. Recife, XXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), 9 a 12 de Setembro de 1998.
- SILVA, Marco. *Sala de Aula Interativa*. RJ: Quarter, 2001.
- SCHAFF, Adam. *A Sociedade Informática*. SP: Ed. Brasiliense, 1995.

Recebido em março de 2013  
Aprovado em maio de 2013